



ANAIS

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia
Corá Corálima
**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

BUCHI EMECHETA: A FORÇA EM SUA OBRA MEMORIALÍSTICA

BUCHI EMECHETA: THE STRENGTH IN HER MEMORIALIST WORK

Geandra Karla de Avelar Côrtes¹
Émile Cardoso Andrade²

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra, traduzida recentemente no Brasil, da escritora nigeriana Buchi Emecheta. A autora nos apresenta em seus três romances disponíveis em português, *As alegrias da maternidade*, *Cidadã de segunda classe* e *No fundo do poço*, ficções com traços memorialísticos, uma Nigéria colonial que mantém suas tradições e costumes, perpassando pelo período de transição colônia para um país independente, em 1960, assim como a vida de uma imigrante nigeriana na Inglaterra. As narrativas são centradas em personagens femininas, com as fortes imposições da cultura nigeriana, contendo muitas referências autobiográficas, o que nos mostra a dificuldade da autora / personagem em encontrar o seu lugar entre às tradições nigerianas e a modernidade ditada pelo colonialismo inglês. A pesquisadora nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (2004) nos aponta a necessidade de pensarmos o conceito de gênero a partir das experiências e epistemologias culturais africanas, apesar do racismo estrutural global existente. Encaminhamos essa pesquisa no sentido de pensar que o papel da mulher na cultura africana é completamente diferente do recorte de gênero no ocidente, justamente porque gênero é uma categoria de construção sociocultural. Então, entender o universo da escrita de Buchi Emecheta a partir dos três romances aqui analisados, é partir do pressuposto que “as análises e interpretações sobre a África devem começar na África” (Oyèwùmí) e em outros estudos decoloniais.

Palavras-chave: Buchi Emecheta. Literatura nigeriana. Romance memorialístico. Tradições. Decolonialidade.

Abstract:

The present work aims to analyze the work, recently translated in Brazil, by the Nigerian writer Buchi Emecheta. The author presents us in her three novels available in Portuguese, *The joys of motherhood*, *Second class citizen* and *Down in the well*, fictions with memorialistic features, a colonial Nigeria that maintains its traditions and customs, going through the colony transition period to an independent country, in 1960, as well as the life of a Nigerian immigrant in England. Narratives are centered on female characters, with the strong impositions of Nigerian culture, containing many autobiographical references, which shows us the difficulty of the author / character in finding her place among Nigerian traditions and modernity dictated by English colonialism. The Nigerian researcher Oyèrónké Oyèwùmí (2004) points us to the need to think about the concept of gender from African cultural experiences and epistemologies, despite the existing global structural racism. We have directed this research towards thinking that the role of women in African culture is completely different from the gender perspective in the West, precisely because gender is a category of socio-cultural construction. So, understanding the

¹ Mestranda na Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4791676427919602>. E-mail: geandrakarla82@gmail.com

² Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4661919586535215>. E-mail: emilocaandrade@gmail.com



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Coratim
**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

universe of writing Buchi Emecheta from the three novels analyzed here, is to assume that “analyzes and interpretations about Africa must begin in Africa” (Oyèwùmí) and in other decolonial studies.

Key words: Buchi Emecheta. Nigerian literature. Memorial novel. Traditions. Decoloniality.

Introdução

A história do continente africano precede a interferência ocidental, porém toda a África herda dois grandes marcos dessa interferência: a escravidão e a colonização. São os efeitos devastadores desse segundo, a colonização, que estarão mais presentes na literatura africana. Ressaltamos que “o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil a padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista” (BONNICI, 1998, p. 8).

Sob os efeitos do eurocentrismo, tivemos na literatura, durante um grande período, um continente africano representado de forma ocidental, o que gerou como resposta uma necessidade dos literários africanos em reivindicarem sua própria identidade. Já em 1958, em *O mundo se despedaça*, o nigeriano Chinua Achebe³ apresenta aos críticos ingleses o nascimento do romance pós-colonial, no qual ele “ridiculariza o administrador colonial que deseja escrever um livro sobre os costumes primitivos dos selvagens do alto do Rio Niger quando o autor já havia exposto a complexidade de costumes, religião, hierarquia, legislação e provérbios da tribo do Igbos em Umuofia” (BONNICI, 1998, p.12).

Nas últimas décadas do século XX a literatura diaspórica, em especial, as narrativas nacionalistas, que são frutos dos movimentos pela independência das ex-colônias, vão abrindo espaço para as obras de escritores com outras perspectivas acerca dos espaços geográficos e culturais. “De todas as explosões que sacudiram o continente africano nas últimas décadas, poucas foram tão espetaculares e tão benéficas, como o surgimento da literatura africana, jogando um pouco de luz aqui e ali sobre uma área antes mergulhada na escuridão (ACHEBE, 2012, p. 82)

No que se refere aos escritores migrantes, muitas vezes se apresenta uma espécie de não lugar, entre as culturas e tradições de onde se parte e do local onde se chega. Cada vez mais as obras de escritores de países africanos chegam ao Brasil, permitindo o acesso a leituras que, em outros momentos, não eram vistas com tanta relevância ou que não teriam o mesmo espaço entre as publicações brasileiras. Nesse aspecto a literatura nigeriana merece destaque pela quantidade de obras traduzidas em terras brasileiras.

Trazer a escritora nigeriana Buchi Emecheta e sua obra memorialística para esse estudo é nos permitir descolonizar o olhar para a literatura africana, enxergando assim, a figura da

³ Chinua Achebe (1930-2013) é considerado por muitos teóricos e críticos o pai da literatura nigeriana moderna. Apesar de pertencente a etnia igbo, foi educado em inglês e sob o cristianismo. Estudou na Universidade de Ibadan, onde trocou o curso de medicina pelo de artes liberais. Desenvolveu um estilo próprio de escrita, na junção da influência do romance europeu com a tradição oral da etnia igbo. Em 1958 escreve sua obra mais importante *O mundo se despedaça*, que hoje está na lista de obras fundamentais da literatura africana, com mais de 20 milhões de cópias vendidas e traduzido em mais de 50 línguas. Foi um apoiador da independência de Biafra, chegando a ir para os Estados Unidos divulgar o que estava acontecendo com seu povo igbo durante a Guerra de Biafra. Faleceu em 2013 como um dos mais importantes escritores do século XX.



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

mulher africana em uma outra perspectiva. Se gênero se tornou uma das categorias mais importantes a ser estudada, e tendo essa categoria uma outra conceituação no continente africano, é preciso que as “análises e interpretações sobre a África devem começar na África. Elas precisam refletir e se basear em contextos culturais e locais específicos, e não em ideias e conceitos importados, normalmente coloniais” (OYĚWŪMÍ, 2004, p. 95).

A vida da autora como migrante em Londres, caracterizando-a como um sujeito da diáspora, aponta para uma vivência marcada por deslocamentos. Como bem pontua Achebe tanto a nova literatura africana, como a velha, permite possibilidades para celebrar a humanidade do continente africano e a interação do mundo contemporâneo de forma cada vez mais estreita com os diversos mundos dos outros (ACHEBE, 2012, p. 103). Buchi apresenta, em sua escrita, uma força literária com o compromisso da quebra de estereótipos da mulher nigeriana e africana, colocando em evidência sua realidade diária e a opressão das normas sociais. Sua obra questiona diversos temas, por meio de sua autêntica perspectiva feminista com destaque para a educação da mulher, a valorização da maternidade como única preocupação possível, a violência degradante do colonialismo e a cultura que deslegitima sua autonomia.

A vida de Buchi Emecheta

Florence Onyebuchi “Buchi” Emecheta nasceu em 1944 na cidade iorubá⁴ de Lagos mas foi criada na cidade de Ibuza, sob a tradição igbo⁵, raízes essas que seus pais faziam questão de cultivar nela e nos irmãos. Desde a infância, uma de suas paixões era ouvir histórias dos mais velhos, com atenção especial para a maneira igbo de contá-las. Se encantava em especial pela forma que a tia contava histórias, tendo ela a certeza que quando crescesse também iria contar as suas. Começou a frequentar a escola quando o irmão mais novo já a frequentava, privilégio adquirido por ser menino dentro da tradição igbo. O pai morreu quando Emecheta estava com oito anos, fazendo com que ela fosse morar com parentes paternos, mais uma vez seguindo a tradição igbo. Com a morte do pai ela e o irmão foram transferidos para uma escola inferior. Sua infância será marcada pela pobreza e por privações.

No ano de 1954 Buchi conquista uma bolsa de estudos em uma escola de elite na cidade de Lagos, escola onde aprendeu seu quarto idioma, o inglês. Nesse período a Nigéria ainda era colônia da Inglaterra. Após a Segunda Guerra Mundial aconteceu um crescimento do nacionalismo nigeriano, iniciando assim um processo de transição de colônia para governo próprio, mas “na conferência pré-independência de 1957, a questão do temor das minorias de serem dominadas pelas três maiores etnias já foi levantada, mas o tema da divisão em mais estados da federação não avançou naquele momento” (OLIVEIRA, 2018, p. 36).

Aos dezesseis anos, Buchi Emecheta completou os estudos, e ao sair da escola, se casou

⁴ Iorubá ou ioruba é um grande grupo étnico da África Ocidental, que hoje possui em torno de 30 milhões de pessoas. É o segundo maior grupo étnico da Nigéria, com maior concentração no sudoeste do país. Na época da transição colônia para uma nação independente, “os iorubás detinham uma política semicentralizada”. (OLIVEIRA, 2018, p.32)

⁵ Igbo ou ibos é outro grande grupo étnico africano que habitam o sudeste da Nigéria, além de outros países. Era o grupo que dominava as posições de destaque na sociedade no período da transição colônia para um país independente, o que gerou repulsa perante os demais grupos. Utilizavam um sistema de governo segmentário. (OLIVEIRA, 2018). Foram massacrados durante a Guerra de Biafra 1967-1970.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

com o jovem Sylvester Onwordi, de quem era noiva desde os onze anos. Já nesse período Emecheta não mais encontrava o seu lugar, os pais já haviam morrido e ela não tinha para onde voltar. O casamento lhe proporcionaria a possibilidade de ter um lar e realizar o seu sonho de ir para o Reino Unido, tendo em vista que para uma mulher solteira a dificuldade em sair do país seria muito maior.

Desde a morte de seu pai, quando Emecheta foi morar com parentes, ela perde essa referência de lar, estando sempre em busca desse lugar de referência, o que faz com que acabe não se encontrando na tradição nigeriana e criando, assim, uma necessidade de ir para o país dos colonizadores, o Reino Unido, já que desde criança ela havia feito a promessa secreta para si mesmo de que um dia se mudaria para este novo país e que a sua chegada por lá seria o pináculo de suas ambições.

Nesse período a Nigéria passava pela transição de colônia para uma nação independente, “tornou-se completamente independente do Reino Unido no dia primeiro de outubro de 1960” (OLIVEIRA, 2018, p. 36). No início do casamento, em uma Nigéria que se tornava independente, o casal Emecheta e Onwordi tem de imediato uma boa ascensão financeira, fruto do trabalho dela em lugares importantes, fazendo com que assuma o sustento da família, além de contribuir financeiramente com os pais de Onwordi e parte do sustento das irmãs dele.

Logo a seguir, ainda nos anos iniciais do casamento, o marido muda-se de Lagos para a Londres para cursar uma faculdade, com todos os custos arcados pela esposa, além de ser mantido por ela no Reino Unido. Algum tempo depois, Emecheta muda-se com os dois filhos pequenos para Londres, para se juntar a Onwordi. Poucos relatos biográficos da autora apontam, mas um dos motivos de sua saída da Nigéria é que ela foi para Londres para também poder estudar. Na Nigéria, então colônia, é enraizada a ideia de que era preciso ir ao Reino Unido em busca da civilização, para assim se tornar uma pessoa civilizada, “os valores, os estilo e os parâmetros inculcados nos acadêmicos confirmaram a superioridade da civilização europeia, com a conseqüente degradação e total rejeição de qualquer manifestação cultural nativa, considerada inferior, primitiva e selvagem, digna de ser extirpada” (BONNICI, 1998, p. 11).

O ocidente exercerá uma forte interferência na forma de pensar das colônias e desta forma irá moldar o comportamento do continente africano.

Os movimentos migratórios contínuos e em grande escala, intensificados a partir da segunda metade do século XX e motivados em grande parte por premências político-econômicas vêm contribuindo para a re-avaliação e desconstrução de cartografias e de categorias epistemológicas. As rupturas desencadeadas a partir de deslocamentos múltiplos – geográficos, culturais, linguísticos e psíquicos – afetam marcadamente as relações de gênero, em especial as mulheres, que precisam negociar com duas ou mais culturas enquanto repensam suas afiliações nacionais e até mesmo categorias epistemológicas tais como nação, lar e comunidade. Considerando-se que a distinção entre espaço público e espaço privado está firmemente arraigada no imaginário da sociedade patriarcal, o locus crucial para tais negociações é a casa, espaço feminino por excelência. (HARRIS, 2009, p. 37)

Chegando em Londres para viver seu grande sonho, o que Emecheta viverá é um casamento abusivo e violento, além de racismo e xenofobia, e até mesmo a discriminação que



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Cordeiro
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

a família receberá de outras famílias africanas por serem eles migrantes negros, vindos da África, mas que se recusam a colocarem seus filhos para adoção por alguma família branca, como era costume acontecer. O casal terá mais três filhos, em um total de cinco crianças. Em seu tempo livre ela escreve o rascunho de um romance, mas o mesmo é queimado por seu marido. Aos vinte e dois anos, com cinco crianças, após viver inúmeras situações de abuso e violência principalmente por parte do marido, consolida o divórcio, tendo Onwordi renegado a paternidade dos filhos.

Buchi Emecheta trabalha em lugares importantes, como a Biblioteca de Londres, e em 1972 aos vinte e oito anos publica seu primeiro romance *No fundo do poço*. Em 1974 gradua-se em Sociologia e publica o segundo romance *Cidadã de segunda classe*. Essas duas primeiras obras são autobiográficas com elementos ficcionais. Em 1976 e 1977 publica mais dois livros – *O preço da noiva* e *A pequena escrava* – sendo o primeiro deles a reconstrução dos manuscritos que foram queimados pelo marido. Em 1979 publica seu romance mais famoso: *As alegrias da maternidade*. Ao todo, a autora escreveu quinze romances, uma autobiografia, além de peças de teatro e livros infantis.

A escrita de Buchi Emecheta

A chegada da obra de Buchi Emecheta no Brasil acontece em outubro de 2017 com a tradução do romance *As alegrias da maternidade*. Em janeiro deste mesmo ano havia ocorrido a morte da autora. A tradução aconteceu por meio do clube de assinaturas de livros TAG⁶ e por indicação da também escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie⁷. O livro é muito bem recebido, tornando-se, ainda hoje, a obra com a melhor avaliação pelos assinantes do clube de assinaturas. Em 2018 a editora Dublinense de Porto Alegre publica os romances *As alegrias da maternidade* e o inédito *Cidadã de segunda classe*. Já em 2019 publica o também inédito *No fundo do poço*.

As chamadas novas literaturas em inglês, onde incluem-se também as literaturas africanas anglófonas, têm como seus temas centrais a questão da identidade, subalternização, hibridização cultural, colonização, decolonização, migração e diáspora (ADEAGA, 2006). A escritora Buchi Emecheta nos apresenta em seus três romances traduzidos no Brasil, *No fundo do poço*, *Cidadã de segunda classe* e *As alegrias da maternidade*, ficções com traços memorialísticos. Os dois primeiros são autobiográficos, mantendo inclusive a mesma personagem principal, Adah. Já terceiro é escrito em um momento de dor, onde uma das filhas da escritora decide ir morar com o pai, aquele mesmo que renegou a paternidade.

Como cenário predominante dos romances temos uma Nigéria colonial, que mantém suas tradições e costumes, perpassando pelo período de transição colônia para um país independente, em 1960, assim como a vida de uma imigrante nigeriana na Inglaterra, isso nos dois romances autobiográficos. Os deslocamentos dentro da própria Nigéria também estão

⁶ TAG é um clube de assinaturas mensal de livros onde por meio de curadorias de autores reconhecidos, outros autores são indicados e seus livros enviados aos assinantes – www.taglivros.com

⁷ Chimamanda Ngozi Adichie é um dos principais nomes da nova literatura nigeriana. Nascida em Enugu, na Nigéria, em 1977, sua obra já foi traduzida em mais de trinta idiomas, com tradução de todos os seus livros no Brasil, além de aparecer em diversos periódicos. Seu romance *Meio sol amarelo* foi adaptado para o cinema e o direito de adaptação de outro romance da autora, *Hibisco roxo*, já foi adquirido – www.chimamanda.com



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Cora Coratim
**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

presentes em processos onde são narradas a saída das aldeias para a vida em cidades grandes, já sob forte influência da colonização inglesa. “As narrativas de caráter nacionalista assim como aquelas que privilegiam os processos de deslocamento e temas afins fazem parte da espressiva produção literária das escritoras diaspóricas” (HARRIS, 2018, p. 9).

Importante ressaltar que quando ocorreu a ocupação do território africano pelos europeus, esses colonizadores dividiram as nações africanas de forma totalmente arbitrária, alterando as estruturas sociais das famílias e suas comunidades.

Guerras de libertação tendem a criar, igualmente, figuras emblemáticas de cunho nacional a serem emuladas. Isso dá oportunidade para que etnias “rivais” lutem lado a lado contra o inimigo comum, moldando uma identidade nacional compartilhada. No movimento de independência da Nigéria, não ocorreu nenhum desses fatores, uma vez que o processo se deu de forma negociada...Nesse estado de coisas, as etnias tendem mais a se dividirem para garantir seu pedaço de poder político e econômico dentro da nova realidade que está se formando. (OLIVEIRA, 2018, p. 38-39)

As três narrativas aqui apresentadas são centradas em personagens femininas, com fortes imposições da cultura nigeriana, contendo muitas referências autobiográficas, o que nos mostra a dificuldade da autora/personagem em encontrar o seu lugar entre às tradições nigerianas e a modernidade ditada pelo colonialismo inglês, já que as “obras literárias sobre as diásporas contemporâneas colocam em relevo o significado especial, complexo (e eu acrescentaria visceral) do termo lar/pátria pra migrantes e seus descendentes” (HARRIS, 2018, p. 9).

Em seu primeiro romance, *No fundo do poço* (1972), a personagem principal Adah já está sozinha em Londres com seus cinco filhos. Ela vai morar em uma comunidade e apesar de todo os problemas provenientes da pobreza extrema, é nessa vida em comunidade que a personagem encontra acolhimento entre os seus. Buchi traz já para a sua obra inicial a questão migratória dos países colonizados, onde diversas pessoas saem das colônias em direção aos países colonizadores, para quando retornarem aos seus países sejam vistos como superiores aos demais.

No segundo romance, *Cidadã de segunda classe* (1974), a personagem Adah está em sua infância na cidade de Ibuza. A tradição igbo está fortemente presente na sua vida e sua família. O romance passará pela sua dura e pobre infância, juventude, casamento, primeiros filhos e mudança para Londres, na realização do que seria seu sonho de vida. Presa às tradições nigerianas, e buscando uma modernidade ditada pelo colonialismo inglês, já em sua chegada ao reino Unido o marido apresenta o que seria sua vida de imigrante:

Você deve saber, querida jovem *lady*, que em Lagos você pode ser um milhão de vezes agente de publicidade para os americanos; pode estar ganhando um milhão de libras por dia; pode ter centenas de empregadas; pode estar vivendo como uma pessoa da elite, mas no dia em que chega à Inglaterra vira cidadão de segunda classe. De modo que você não pode discriminar seu próprio povo, porque todos nós somos de segunda classe. (EMECHETA, 2018, p. 58)



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio
Corá Corá

**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

As alegrias da maternidade (1979) é um romance permeado pela dor da escritora, que nesse momento estava indo morar nos Estados Unidos e uma das filhas optou em ficar em Londres com o pai. O texto, apesar de não ser autobiográfico, é carregado de dor e força ao trançar histórias de mulheres que precisam se submeter as mais diversas situações para seguir a tradição de seu povo. Nnu Ego, a protagonista, sonha em se casar e se tornar mãe, já que essa era a principal função da mulher nessa Nigéria patriarcal e permeada por tradições e costumes. Nnu Ego após de casar não consegue o que seria esperado de uma mulher nessa sociedade, gerar filhos. Quando em um outro casamento consegue ter filhos, seu sofrimento não diminui.

Nesse período o país era dominado pela colonização inglesa, onde muitas pessoas saíram das aldeias para trabalharem nas casas dos colonos nas cidades maiores. Há um grande impacto da Segunda Guerra Mundial nessas famílias, ondem homens são obrigados a irem lutar na guerra ao lado da Inglaterra, onde muitas vezes não sabem ao menos porque estão lutando. As personagens desse romance são construídas de forma humanizada o que nos leva a entender o comportamento de diversas delas. A personagem principal, Nnu Ego, só conseguirá romper com essas tradições que são impostas as mulheres após a sua morte.

A partir dessas obras partimos para a necessidade de pensar o conceito de gênero com foco nas experiências e epistemologias culturais africanas, apesar do racismo estrutural global existente (OYĒWŪMÍ, 2004, p. 88). O papel da mulher na cultura africana possui um recorte diferente da conceituação de gênero no ocidente, visto que no ocidente esta é uma categoria de construção sociocultural. O questionamento se refere a utilização dos conceitos universais na pesquisa de gênero, que tendem a partir da definição de família nuclear patriarcal, “a família nuclear é uma família generificada por excelência. Cada casa, ocupada apenas por uma família, é centrada em uma mulher subordinada, um marido patriarcal e seus filhos” (p. 88), isso mesmo para estudos africanos, que muitas vezes enxerga esse modelo de família como “alienígena” na África.

A dualidade opositiva macho/fêmea, homem/mulher e o privilégio masculino que a acompanha nas categorias de gênero ocidentais é especialmente alienígena para muitas culturas africanas. Quando realidades africanas são interpretadas com base nessas alegações ocidentais, o que encontramos são distorções, mistificações linguísticas e muitas vezes uma total falta de compreensão, devido à incomensurabilidade das categorias e instituições sociais. (OYĒWŪMÍ, 2004, p. 93)

Nessa construção sociocultural de gênero, onde mulher não se torna conceito universal, é necessário a reflexão que mulheres em culturas diversas terão outras necessidades, como o “de se atentar ao imperialismo, à colonização e outras formas locais e globais de estratificação. Esses outros pontos de vista emprestam peso à afirmação de que o gênero não pode abstraído do contexto social e de outros sistemas de hierarquia (OYĒWŪMÍ, 2004, p. 88). É nesse espaço de pensar a mulher africana frente a costumes e tradições de seu país, que Buchi Emecheta se apresenta como autora.

Emecheta levará a tradição e costumes igbos para as suas obras. Como a forte tradição do homem pagar pela noiva, a tradição de que após a morte de um homem da família, o irmão mais velho irá herdar essa família, em especial a esposa, já que os filhos dependerão da situação financeira desse irmão. Este costume aconteceu, inclusive, com a mãe da escritora, fazendo



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Cora Coratim
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

com que Emecheta e seu único irmão fossem para casas diferentes. A vida da autora sob a tradição igbo fará com que ela leve essa influência para os seus romances, porém além das tradições e costumes, ela mostrará também os questionamentos por meio de personagens femininas acerca destas imposições.

Considerações finais

Pensar a escrita de Buchi Emecheta nesses três romances – *As alegrias da maternidade*, *Cidadã de segunda classe* e *No fundo do poço* – partindo do pressuposto que “as análises e interpretações sobre a África devem começar na África” (OYĚWUMÍ, 2004) e em outros estudos decoloniais é caminhar na busca de conhecer a história do continente africano sob uma outra perspectiva. O fato de a escritora ser criada sob a tradição igbo será retratada em suas obras, que falará desses costumes que são mantidos por esse povo e que passará a ser questionado por algumas de suas personagens femininas.

As obras que aqui nos propusemos a analisar apresentam a força da escrita da autora, assim como a força em suas personagens femininas. Ao lado da Adah, nos dois romances autobiográficos, passamos pela infância pobre e sofrida da autora/personagem na Nigéria, o casamento, filhos, mudança para Inglaterra, até chegar ao fundo do poço, literalmente, quando sozinha, na condição de imigrante, ela precisa conciliar os estudos com a criação e cuidados de cinco crianças, enfrentando pobreza, racismo e xenofobia.

No terceiro romance temos a personagem Nnu Ego, que em busca do sonho de ser mãe e assim se tornar uma “mulher completa”, se submete a condições precárias de vida na capital da Nigéria. Entre a tradição dos igbos e a influência dos colonizadores, as personagens precisam lutar contra os diversos tipos de opressão cultural que lhes recaem, fazendo com que não se encontrem seja na tradição nigeriana, seja na dita modernidade imposta pela colonização. Nnu Ego só consegue romper com as normais culturais do seu povo após a sua morte.

Nesse percurso entre a tradição da Nigéria antes do período colonial, as ditas modernidades impostas pela colonização inglesa e a vida em uma Inglaterra vista como moderna, Adah/Buchi estará sempre à procura do seu lar, mas não encontrará seu espaço nem na tradição nem na modernidade. Esse não pertencimento é algo muito familiar ao sujeito da diáspora. Sua vida, após a morte de seu pai, será sempre permeada de sofrimento e dor, e é nesse caminhar que ela irá se descobrir escritora. Entre o nascimento de um filho e outro, no total de cinco crianças, e a presença de um primo e depois um marido abusivos e violentos, ela conseguirá ter força para construir suas memórias.

Referências

ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o protetorado britânico**: ensaios. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ADEAGA, Tomi. **Translating and Publishing African Language(s) and Literature(s)**: Examples from Nigeria, Ghana and Germany. IKO: London, 2006.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *In.*: **Mimesis**, Bauru,



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. Tradução: Heloisa Jahn. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EMECHETA, Buchi. **Cidadã de segunda classe**. Tradução: Heloisa Jahn. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EMECHETA, Buchi. **No fundo do poço**. Tradução: Julia Dantas. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

HARRIS, Leila. Espaços Discursivos, Geográficos e Afetivos na Literatura Diaspórica Contemporânea. *In.*: **Revista A Voz e o olhar do Outro**, vol. I, Rio de Janeiro, Editora Letra Capital, 2009, p. 36-45. Disponível em: <<http://www.pgletas.uerj.br/vozelharoutro/volume001/003.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

_____. Kehinde, de Buchi Emecheta: o Lar na diáspora, a diáspora como lar. *In.*: **Revista Libretos**. Outubro de 2018. p. 7-21.

OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade nacional nigeriana: arranjos institucionais para construção de uma nigerianidade**. 79 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *In.*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 84-95.